



José Soares

Transparência

Retalhos da manta natalícia

1 - É tempo da Grande Festa da Família. Tempo de tréguas aos confrontos de toda a espécie.

E neste tempo de Paz na Terra, faremos também paz na nossa escrita.

Nas Ilhas Açorianas, somos um Povo de paz. E nessa paz cultivada pelo Mar e Basalto que nos rodeia por todos os lados, sobressaem qualidades humanas específicas, apenas encontradas naquele que vive completamente inserido na realidade de seis séculos.

Na luta contra um dos flagelos que continua a chicotear ainda muitos dos nossos irmãos nas Ilhas, existem instituições que tentam fazer das tripas coração, para atenuar aqueles a quem o infortúnio teima em não lhes deixar as portas: A pobreza.

Felizmente que muita gente trabalha voluntariamente e entrega uma grande parte da sua existência terrena no interminável combate ao inimigo faminto. O próprio presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, tem dado o exemplo de dádiva a que temos assistido muitas vezes.

Uma dessas instituições é o Banco Alimentar Contra a Fome de São Miguel, que tem como finalidade “a gratuidade, na dádiva, na partilha, no voluntariado e no mecenato.”

É uma organização particular e, como se pode ler na sua página online, “Os Bancos Alimentares são Instituições Particulares de Solidariedade Social que lutam contra o desperdício de produtos alimentares, encaminhando-os para distribuição gratuita às pessoas carenciadas.”

Estão por todo o mundo e são responsáveis por atenuar a fome no seio de muitas famílias.

“Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente que lhe assegure e à sua família, a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda aos serviços sociais necessários” (Excerto do artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos do Homem).

Pelo esforço do bem fazer que ao longo de anos os voluntários e voluntárias do Banco Alimentar oferecem sem nada pedir em troca, saudamos todos e todas na pessoa da sua Presidente, Luísa César. Uma mulher singular, cuja humildade na ação é tão forte como o seu incorrupto caráter de ajuda ao próximo. Nunca desejando qualquer pedestal ou destaque enquanto consorte do então presidente do governo Carlos César, Luísa César esteve desde sempre à frente do exército no combate à fome e aos menos protegidos.

Possamos, pois, todos e todas, continuar a doar os alimentos que vão sempre fazer a diferença na casa de quem os recebe.

Com igual valor humanitário e desde 2010, o Banco Alimentar da Terceira segue na mesma luta, indo ao encontro dos que necessitam naquela Ilha de Jesus Cristo.

2 - Desde há muito que defendo o consumo preferencial dos nossos produtos em primeiro lugar. A qualidade nem sequer é questionável, porque são dos melhores. E ao consumirmos o que é nosso, ajudamos milhares de pessoas que trabalham nas diversas indústrias e fábricas. Ajudamos a nossa economia que nestes tempos difíceis precisa ser relançada com mais vigor. E, principalmente, ajudamo-nos a todos nós, como uma economia mais forte onde todo o cidadão sai beneficiado.

Nesta época de Natal, oferecer um produto açoriano é algo de qualidade superior e muito apreciado por quem recebe, seja para amigos no exterior das Ilhas ou no estrangeiro.

‘Consumir Açoriano’ deve ser a palavra passe deste e de todos os Natais.

*lusologias@gmail.com



Chrys Chrystello*

E se nada fosse real

Hoje, acordei particularmente tarde e bem disposto e mal abro a caixa de Pandora das notícias do mundo da ciência descobri este título que me fascina: **E SE NADA FOSSE REAL** (nova hipótese argumenta que o universo simula a sua própria existência).

Trata-se de um artigo do Quantum Gravity Research Institute que visa unificar as mecânicas quânticas com uma perspetiva não-materialista. Seremos reais? E se tudo que cremos ser real, as pessoas, e todos os eventos da nossa vida não existissem mas fossem apenas suma simulação complexa? Já em tempos o filósofo Nick Bostrum se interrogava num artigo “*Estamos a viver numa simulação de computador?*” Tratar-se-ia de simulações deveras complexas criadas por seres muito evoluídos. Contudo, a nova teoria exclui os seres evoluídos e interroga-se “*Será uma autossimulação que é gerada pelo próprio pensamento?*”.

Não disponho de conhecimentos suficientes e nada sei de física quântica para continuar a seguir a argumentação dos autores desses artigos, mas sinto que seria mais agradável se nada fosse real, se tudo fosse simulado ou imaginado e se com isso pudéssemos apagar da memória coletiva, a chamada história da humanidade, a maior parte dos acontecimentos violentos, como guerras, destruição e a própria maldade humana inerente a todos os seres que simulam esta realidade?

Seria possível ao pensamento evoluir para uma realidade menos destrutiva, menos desigual, menos escravocrata? Porque a simulação que temos vivido nestes milhões de anos de existência simulada de humanoides narra uma história de uma minoria a dominar a maioria dos seres sencientes, meros escravos cuja única razão de ser é a permitir a existência dessa minoria dominadora.

Até agora o grande ponto fraco da IA (inteligência artificial) tem sido o de ser concebida e criada por humanoides pelo que resta saber se um dia se independentiza e consegue conceber-se sem as falhas humanas que lhe deram origem. Será então capaz de criar uma autossimulação da realidade totalmente distinta da atual e pode então decidir que o melhor destino dos humanoides é o de serem escravos dessa mesma inteligência artificial, bem menos imperfeita do que a atual ordem mundial.

E é por isto que, às vezes, apetece pensar que nada do que experienciamos é real.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 (Australian Journalists' Association MEAA)